

# Nu, e além da Cruz

João Guilherme Biehl

A rua longa  
que é a rua do mundo  
passa em torno do mundo  
cheia de todas as pessoas do mundo  
pra não dizer todas as vozes  
de todas as pessoas  
que já existiram  
(...)  
E assim a rua vai rolando  
vai o trem rebolando  
estendendo nas janelas  
suas lá dele as demais janelas de todos  
os edifícios de  
todas as ruas do mundo  
deslizando também  
na luz do mundo  
na noite do mundo  
com sinais nas travessias  
fachos que estão perdidos mas focam  
multidões em carnavais  
circos na boca da noite  
puteiros e parlamentos  
fontes que o pensamento abandona  
portas de porão e portas não achadas  
figuras indecisas na lâmpada  
ídem que dançam pálidos  
na ida continuada do mundo  
Mas chegamos agora  
à parte mais vazia da rua  
que passa em volta  
da parte mais vazia do mundo  
E não é aqui  
que você vai  
mudar de trem  
Não é neste lugar  
que você faz alguma coisa  
Esta é aquela parte do mundo  
onde nada está fazendo  
onde ninguém está fazendo  
nada  
onde em nenhum lugar há  
alguém que não seja

apenas você  
nem mesmo um espelho  
que te faça em dois  
nem uma alma  
a não ser a sua  
talvez  
e mesmo assim  
não aí  
talvez  
ou então não sua  
talvez  
porque você está como se diz  
morto  
você chegou à sua estação  
Queira descer.

Este poema do *beatnik* norte-americano Lawrence Ferlinghetti<sup>1</sup> nos coloca no cenário da rua do mundo em que encontramos o ser humano que em Jesus vai ser crucificado (Mc 14.32-52). Ele está de fato na parte mais solitária do mundo. Ninguém fica acordado com ele, ali no Getsêmani. “A minha alma está profundamente triste, até a morte”, grita a angústia (14.34). Não há mais nada a ser feito. Ele caminhara por desertos, mares, montanhas, ruas e encruzilhadas ajudando àquelas massas mutiladas a des-cobrir que dos trapos, do lixo, dos sonhos de cura era possível fazer, criar fantasias. E vesti-las sobre as peles rasgadas, celebrando carnaval a despeito de toda morte circundante...

Mas agora Jesus está sozinho, como a noite. Um dia, talvez, quem sabe, aquelas pessoas vão brilhar, dando-se, então, conta de que é neles que reside a força pra expulsar os maus espíritos que ainda os fazem viver como se estivessem mortos (Mc 9.14-29). Quem sabe algum dia, ou noite, eles, nós, vamos entender que caminhar para fora da paralisia tem a ver com desejar isto de todo coração e construí-lo em solidariedade, criatividade (Mc 2.1-12). Sim, Jesus está sozinho nesta parte solitária do mundo onde não há ninguém, exceto cada um de nós, e nem mesmo algum espelho capaz de fazê-lo plural. A única coisa que lhe resta é sua alma triste, gritando: “Pai, tudo te é possível; passa por mim este cálice...” (14.36.) Jesus também não quer descer do trem. Mas a estação da morte está próxima.

Enquanto estava nas margens da Galiléia sussurrando a chegada do reino de Deus tudo era muito mais seguro. Agora, no entanto, Jesus está em Jerusalém, no centro das estruturas de poder que ele tão profundamente criticara. E mesmo lá, até o último momento, ele confronta os poderes necrofilicos. Jesus tornou o Templo e suas intermináveis leis completamente irrelevantes. Não aderiu abertamente ao movimento zelota que queria esfaquear a opressão romana. O Nazareno não intentava substituir um sistema de opressão por outro, sem a total participação da marginalia para a qual contava estórias, com a qual brincava. Jesus nunca fez concessões. O

reino de Deus implicava uma transformação holista do ser humano e da sociedade. Não haveria de permanecer pedra sobre pedra. Isto tão-somente porque vida, vida abundante, era seu horizonte, seu compromisso. Vida sem fronteiras, mapas, limites, senhores e servos, sem bons nem maus...

Tudo isso soa a loucura topizada? E quem disse que loucura não está no centro da religião, dessa tentativa de por símbolos, ritos, sonhos, nos reconectarmos, nos religarmos conosco mesmos, em público e privado, com natureza, então sendo e acontecendo Deus na história? ... Percebendo o invisível, o fantástico... Carl Solomon, o poeta que teve de viajar pelos corredores dos hospitais psiquiátricos norte-americanos, entende disso tudo:

Então você está a caminho daquilo que certos escritores chamam de maravilhoso... E isto porque você queria mudar o curso das coisas e tornar belo o que era feio. Tal alquimia não é certamente um pretexto e não se limita a um só escritor. É um território onde qualquer indivíduo ousado pode penetrar. Ela existe há séculos. E, como diz Lautréamont, o insólito se encontra no banal. O extraordinário deve ser descoberto onde você está. Eu não posso me livrar do fascínio desta visão da vida, a brilhante visão laranja oposta à visão cinza.

É muito mais do que um hobby. É quase o equivalente de uma religião...<sup>2</sup>

Os poderes de morte que habitam cada instituição daquele e do nosso tempo ficam aterrorizados com essa conversa louça. Não encontram outra alternativa senão matar o “assim na terra como no céu”, seja através de tanques de guerra, fome, tortura, desejos televisivos, ou, no caso de Jesus, através da cruz. Jesus teme essa repressão, tanto quanto também nós a tememos. Quando ele retorna aos discípulos que deveriam ter vigiado (quem sabe alguma fuga de última hora ainda poderia ser viável?), isto é, tê-lo protegido ali no Getsêmani, ele os encontra dormindo. Então o Mestre definitivamente não tem mais nada a dizer além de: “Basta! Chegou a hora...” (14.41.) A hora de descer do trem se aproximava. Inexorável.

O que acontece então com todos os personagens que desde o início da narrativa de Marcos circulam pela vida de Jesus? As multidões mutiladas, os discípulos, os doutores da lei? Todos, sem exceção, abandonam o Mestre. A multidão que o seguia por todos os lados, desejosa de cura, de palavras de conforto, agora empunha espadas e porretes (14.43). Os doutores da lei escondem-se na oficialidade e fazem-se presentes através da multidão, tão desde sempre manipulada. Os revolucionários, sentindo-se traídos, entregam a ovelha ao lobo por moedas de prata. E os discípulos? Sim, esses mesmos que sempre prometeram fidelidade, ficam quietos e fogem. Alguém ainda empunha uma espada. Puro desespero. Jesus sabe que agora tudo é como as folhas de outono caindo e gritando: “tarde demais! tarde demais!” Pois “todos fugiram”. (14.50.)

Mas então Marcos traz às telas uma cena tão bela quanto esquecida... “Seguia-o um jovem, coberto unicamente com um lençol...” (14.51.) A única pessoa que teve coragem de seguir Jesus no caminho para a cruz foi es-

se jovem. Talvez um jovem como o de Mc 9.14-29, que teve expulsos os espíritos que o deixavam mudo rolando pelo chão suas cicatrizes de morte, e que descobriu que caminhar depende dele, de cada um de nós. Esse jovem sem nome, sem identidade, clandestino, ignorado por exegeses, não é somente o exemplo de uma possibilidade. Ele é a contradição do adulto que empunha espadas, do revolucionário que sacrifica tudo pelo futuro, dos doutores que por lei e ordem amordaçam o presente. O jovem é nós não abandonando o desejo da infinita recriação da vida encarnada por Jesus de Nazaré.

O jovem não tinha muito. Ou melhor: tinha tão pouco! Somente um simples pano. Nenhum luxo, nenhum uniforme de guerra, nenhuma vestimenta de astronauta, nenhuma máscara de “Batman” ou “Coringa”. Esse jovem, que com certeza esteve na Praça da Paz Celestial, no massacre de Pequim em junho de 1989, está seguindo o sonho, a ação do reino de Deus ao julgamento e à sua conseqüência última: a cruz. Cruz que estava sendo imposta sobre Jesus tanto por poderosos como por covardes. De repente, no entanto, Marcos diz (14.51) que eles (provavelmente os mesmos que capturaram Jesus com espadas e porretes) tentam igualmente agarrar o jovem: “lançaram-lhe a mão”. O que fazer? O que fazemos nós? Deveria o jovem aceitar passivamente ser pego, provavelmente ser também julgado cúmplice, condenado, e então crucificado? ... Não! De maneira alguma. Isso seria a legitimação da pena de morte; seria a traição total ao compromisso com a vida ensinado e concretizado por Jesus. Não: naquele momento, naquela noite, sentindo as sombras do morticeiro, ele não tem mais dúvidas. Querem matá-lo: ao jovem, ao ambíguo, ao que se recusa a empunhar espadas e a ficar em casa. Da mesma maneira como estão organizando a morte de Jesus. A cruz é injusta. Ela revela inumanidade, terror, traição, força arbitrária, abandono. Na real, cruz é a radical negação humana de Deus. Ela nunca foi a opção de Cristo. Assim como não foi a opção desse continente latino-americano. E ouvimos tão pouco, tão ao longe, esses lamentos índios:

Subí a una altura  
Allí me senté.  
Encontré una cruz.  
Me puse a llorar.<sup>3</sup>

Como não foi a opção de milhões aprisionados pelo autoritarismo fascista de Ceausescu e correlatos comunistas. Como continua não sendo a opção de milhões de almas negras crucificadas pelo *apartheid* e diamantes sul-africanos... Em verdade, ou em mentira, tanto faz... O que importa é que a cruz não deveria, não pode, ser a opção desse jovem, de nós, jovens dessa história...

“E o jovem fugiu...” (14.52.) Nu, em direção oposta à da cruz, deixando seu pano, sua vestimenta, seu disfarce, sua sociabilidade pra trás... A única coisa que levou consigo foi seu corpo. Corpo rasgado por tantas

cicatrizes de morte, mas acordado o suficiente para ter certeza de que é a vida, e não a morte, que é infinita em possibilidades (vide *O Amor nos Tempos de Cólera*, do Márquez). E é assim, no meio da noite, nu, Pixote, que nosso jovem corre pra longe da cruz. Quem sabe ele não esteja fugindo. Quem sabe esteja levando seu corpo para uma outra direção que não aquela do presente, da morte. Caso ele quisesse continuar a fazer “assim na terra como no céu”, percebendo, vivendo e recriando o fantástico, ele não teria outra alternativa senão virar as costas à morte e correr pra vida. Sim: pra vida. porque é a ela que pertencemos, como diz Neruda:

Nós pertencemos à fertilidade e crescemos assim como a vida cresce. Somos jovens como é jovem a água. Somos lentos como a lentidão do tempo, somos puros como a pureza do ar, escuros como o vinho da noite e só estaremos sem movimento quando formos pedras que não vêem, não ouvem e não participam no que nasce e cresce... Quando escolhemos a floresta para aprender e ser, folha por folha, temos que deitar nosso entendimento até à terra, até nos tornarmos raízes, barro vivo, terra pura, noite cristalina; e pouco a pouco, finalmente, haveremos de ser a floresta toda.<sup>4</sup>

Enquanto o jovem corria através da noite, Jesus foi levado ao Sinédrio, onde todos o condenaram e o proclamaram digno de ser assassinado (Mc 14.53-65). A audiência com Pilatos só confirmou isso: “Crucifica-o, crucifica-o”, gritava a multidão enraivecida, cães raivosos, endoidecidos (Mc 15.1-15).

O carpinteiro de Nazaré foi finalmente crucificado, carregando consigo toda inumanidade, toda nossa negação histórica de que há alternativas de vida dentro da morte cotidiana. E na hora nona, diz Mc 15.34, Jesus ainda berrou: “*Eloí, Eloí, lamá sabactâni?* que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”... Sem Deus, com sua dor, com nossa humanidade, com o fascismo dos poderosos, com o medo dos covardes: Jesus morreu... Vida foi morta na cruz da mesma maneira que aquela criança anônima, ainda não nascida, foi fuzilada no corpo de sua mãe desaparecida na história oficial argentina, como ouvi das *Madres de Mayo* em janeiro desse ano. Essa criança nem chegou a ser sepultada. Como agora no Chile, onde se enterram sapatos, óculos, dentaduras, restos de ossos e sonhos dinamitados pelo padrasto, pelo Comedor de Gente, pelo Gigante Pinochet que ainda habita aquelas terras onde o futuro já não é mais o mesmo...

O corpo de Jesus foi pelo menos sepultado... “Então José tirou o corpo da cruz e o enrolou num pano...” (Mc 15.42-47.) O pano... Vocês se lembram?... O jovem foi para longe da cruz, com seu corpo, deixando para trás um pano... E é esse pano, quem sabe literariamente o mesmo, que é usado para enrolar o corpo morto de Deus encarnado, que foi carregado para uma tumba dentro de uma rocha. E rolaram uma pedra fechando-a.

O final da história?

Não, definitivamente não! Não é isso que queremos: Que viva a polis-

semia! Queremos recriação. Somos jovens demais, sempre mais, para aceitar vida truncada dentro de um sepulcro. Não suportamos saudade sempre. Queremos memória, mas também vinho e pão. A história continua então com o texto da ressurreição, Mc 16.1-8. Narrativa que começa como ladainha carpedeira, de mulheres de “morte e vida severina”. O sábado havia passado. Nova semana começava. Tempo de continuar recriando o mundo. Como diz o Quintana: “E no sétimo dia Deus descansou, para os poetas continuarem a obra da criação!” Maria Madalena, Salomé e Maria, a mãe de Jesus, trouxeram perfumes para ungirem o corpo do seu amado. Essas mulheres, feitas tão anônimas e ausentes na tradição bíblica e eclesiástica, não temem se arriscar. Enquanto que os discípulos, sempre tão dispostos a discutir sobre quem sentaria à direita ou à esquerda do poder, ficam escondidinhos, cagando-se de medo. Na cena da ressurreição são as figurantes, as coadjuvantes que sobem ao palco. Essas mulheres sempre marginalizadas, mesmo por seus companheiros marginais, nunca desistiram. Elas têm a idade da terra. Suas forças seguiram Jesus pela Galiléia, cuidando de suas necessidades (15.40). E agora que é hora de se falar “ressurreição”, ah! *gracias a la vida* elas estão aqui. Em verdade, não há possibilidade de tirar nosso planeta agonizante do sepulcro sem a liderança, a coragem das mulheres, sem os seus tamborins ... (Ex 15.20-21.) Mulheres cujos corpos se confundem com a terra prometida, de onde mana leite e mel... São elas que nos conduzem ao sepulcro para, quem sabe, deixar a vida ressurgir.

Essas mulheres queriam, com perfumes, atrasar ao máximo a decomposição daquele corpo humano que as abraçara e as ajudara a deixar de andar encurvadas como se horizontes não fossem seu imperativo. Então, bem cedinho, no início daquela nova semana, elas foram ao sepulcro. E perguntavam entre si: “Quem vai remover a pedra do sepulcro para nós?” (16.3.) Elas conversavam entre si, repartiam experiências, expectativas; também não tinham medo de verbalizar suas limitações, sua falta de força. Quiçá precisassem de alguma ajuda... Todos nós precisamos de ajuda, de nós e de tantos outros, para remover pedras, para abrir novas possibilidades a fim de que a vida possa caminhar livre.

E qual não foi a surpresa delas quando olharam e viram (olhar e ver!) que a pedra já havia sido removida (16.4). Não é fantástico quando podemos parar de reclamar todo o tempo que as pedras são tantas e tão grandes e nós tão fracos? E simplesmente reconhecer, ver e perceber que há, de fato, pedrinhas, pedras, “pedros” que já foram ou estão sendo removidos?... Vamos, pois, continuar olhando para a frente, como fizeram essas mulheres, e ir adiante, entrando no sepulcro. Sem dúvida é necessário coragem, risco e ousadia para invadir os espaços onde os corpos mortos se encontram... Ressurreição é significativa, faz sentido quando ousamos caminhar pela escuridão do sofrimento, da miséria, pelo mau-cheiro das tumbas, pelo terror dos campos de concentração, pelas angústias...

Foi ali, em meio à terra à terra, ao pó ao pó, às cinzas às cinzas e ao lixo ao lixo que elas encontraram *um jovem* (16.5). Isso mesmo: as mulheres não viram um anjo, um E. T., um clérigo, um super-herói ou um fan-

tasma. Elas viram um jovem, um corpo, como nós. Aquele jovem, que é cada um de nós e nós de todos, foi ele quem removeu a pedra do sepulcro. E ele não era jovem demais pra carregar a pedra (vide *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus). O mesmo jovem que na cena anterior correria na direção oposta da inumanidade da cruz, nu, para dentro do útero da noite, está agora na cena da ressurreição, vestido com um pano branco, sentado do lado direito. Ele já não traz no seu corpo somente as cicatrizes e os temores da morte, mas veste um pano branco. Traz no seu corpo a síntese de todas as cores, de todas as possibilidades e combinações. Ele veste ressurreição, isto é: que a vida é eterna e infinita em alternativas quando não se aceita a cruz. O jovem está sentado do lado direito, o lado que segundo a mitologia bíblica significa poder. Ressurreição tem a ver, de fato, com remover pedras, tomar poder e deixar nossos corpos sofridos e clandestinos serem imaginados e adornados com a possibilidade de todas as cores... Com o verde rindo pelo Amazonas, os céus ficando um pouco mais azuis, o vermelho no rosto infantil de nossas etiópias diárias, o preto celebrado como noite bela e poderosa...

“As mulheres estavam chocadas...”, diz Mc 16.5. Nem mesmo elas achavam normal que o jovem, o ambíguo, o contraditório, o fugitivo, o não-adulto, o incapaz de decisões sábias e finais, tivesse feito, estivesse fazendo todo esse trabalho. Não adianta a gente se enganar! As pessoas não vão legitimar nossas artes, nosso trabalho criativo, nossas brincadeiras... Quanto aos discípulos, nem pensar! Ficam planejando como fundar e manter igrejas... O jovem então disse: “Não fiquem alarmadas!” (Mc 16.6.) É que as pessoas não deveriam temer nem ficar assustadas quando é a ressurreição que está à nossa frente. Elas deveriam, nós deveríamos, ao invés, celebrar. Mas nunca vão acreditar nisso. Só que agora o problema é delas. Tanto faz. Vamos continuar abraçando nossa loucura, “antes que seja tarde demais” (Caio F. Abreu). “Em verdade”, continua o jovem, “se vocês estão procurando por Jesus de Nazaré, o que foi crucificado, vocês chegaram muito tarde.” “Ele ressuscitou” (16.6). E ressurreição é uma realidade que pode ser vista no vazio. “Vede o lugar onde o tinham posto”. É no ausente que está a vida que mais se quer. Onde já não encontramos os mortos, os desaparecidos, os famintos, os torturados, é ali, nesse vazio, no caos que gera criação, que ressurreição pode ser constatada. Ressurreição não se limita, não é confinada a um sepulcro aberto. O povo chileno sofre tanto reconhecendo que não basta beijar a vida fuzilada... Por isso o jovem diz: “Ide”. E comissiona as amigas, cujo testemunho não era reconhecido como verdadeiro pela lei, para contar adiante aos discípulos o que seus olhos viram e tocaram. Ressurreição tem disso: não é oficialmente verdadeira, não é endossada por cartórios. E daí que não acreditem? O belo é narrar ressurreição, contá-la adiante fazendo crianças adormecerem, medos se esquecerem e criações chegarem às ruas. E esse ir e contar ressurreição, à revelia das adesões dos discípulos e dos poderosos, deve nos fazer contentes, capazes de cotidianamente perceber o fantástico. Tristeza é isso: a morte lenta das pequenas coisas...

Em todo o caso, nosso compromisso com a ressurreição nos dá força para ir adiante, ajudando outras pessoas a percebê-la e a concretizá-la. Mas onde, onde ela está acontecendo? Talvez o jovem no sepulcro tenha lido essa pergunta nos olhos daquelas mulheres e nos nossos. Ele responde, de modo bem explícito: “Jesus vai adiante de vós para a Galiléia; lá o veis!” (16.7.) Não deveríamos ter tanto medo. Cristo vai adiante de nós. Há sombras a seguir. Se queremos encontrar ressurreição, ser parte dela, temos de ir pra Galiléia, para a margem dos mundos e das palavras. Porque é ali, aqui, na Galiléia, nas margens, que ressurreição esteve sempre presente através das palavras e das ações de Jesus ajudando aqueles corpos mutilados a reconhecerem suas capacidades, seus talentos, seus sonhos... Foi e é na Galiléia que Deus é percebido como reconhecimento de poder de humanidade, de repartir pão e vinho. Foi e é na Galiléia que os maus espíritos são nomeados, verbalizados e expulsos. Foi e é na Galiléia que os paralisados começam a andar com seus próprios corpos, descobrindo que, uma vez que se caminha, o mundo só fica maior e maior...

É nas margens, na Galiléia de nossas igrejas e sociedades, que encontramos os mendigos, os desempregados, os pivetes, as prostitutas, os loucos, os profetas, os famintos e os solitários anjos da noite vasculhando lixo pra fazer suas fantasias e celebrar carnaval, ressurreição, a eterna recriação da vida. O mistério, afinal, quem sabe, esteja aqui, entre nós, nu.

## Bibliografia

- ABREU, Caio Fernando. *Triângulo das Águas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- ARÉVALO, Guillermo A. *Poesía Indígena de América*. Bogotá, Arango, 1988.
- FERLINGHETTI, Lawrence. *Um Parque de Diversões da Cabeça*. Porto Alegre, L&PM, s/d.
- NERUDA, Pablo. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983
- QUINTANA, Mário. *Poesias*. Porto Alegre, Globo, 1981.
- SOLOMON, Carl. *De Repente, Acidentes*. Porto Alegre, L&PM, s/d.

## Notas

- 1 L. FERLINGHETTI, *Um Parque de Diversões da Cabeça*, p. 81.
- 2 C. SOLOMON, *De Repente, Acidentes*, p. 18.
- 3 G. A. ARÉVALO, *Poesía Indígena de América*, p. 23.
- 4 P. NERUDA, *Antologia Poética*.